

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
Rua de S. Paulo, 216

Quinta-feira 1 de setembro de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
Provincias, 6 mezes 600 .
Numero avulso 60 .
Anuncios preço convencional

SUMMARIO

Educação Physica, por ALMEIDA REIS. — O porco, por ERNESTO VIANNA. — Escolha e ensino do cão, por HENRIQUE ANACHORETA. — Enguiços e Infelicidades, por B. DE SA. — Associação dos Caçadores Portuguezes. — Caça. — João Moniz da Costa Velho, por CYCLO. — Cyclismo portuense, por PEDAL CHICO. — Chronica, por CYCLO. — Real Associação Naval. — Viças furadas. — Sport Club, por PAULO ZITTE. — Sebastian Silvan (El Chispal), por E. D'A. — Vichy tanrino, por F. — Campo Pequeno, por EL-SOBRESALIENTE. — Equitação, por G. — Falsificações, por J. FRAGA PARY DE LISDE. — As Nossas Gravuras. — Correspondencia. — Aviso.

GRAVURAS

A Despedida — João Moniz da Costa Velho. — Sebastian Silvan (El Chispal).

Nenhum d'estes criterios nos serve porque não teem latitude sufficiente para comportar todas as variedades, por isso seguiremos um outro: a extensão dos movimentos e a despeza neuro-muscular.

Exercicios	Movimentos naturaes	Complexos	Gymnastica passiva
			Gymnastica activa
Violentos ou athleticos			Jogos de crianças
			Dança
			Natação
			Canoagem
			Cynegetica
			Esgrima
			Equitação
			Velocipedia
			Exercicios de força
			Exercicios de velocidade
			Exercicios mixtos ou jogos athleticos

GYMNASTICA PASSIVA — E' a massagem, de que já estudamos no capitulo «Balneação» as especies *fricção* e *malaxação* as unicas a applicar nas crianças normaes.

GYMNASTICA ACTIVA. — Comprehede em primeiro lugar, todos os movimentos instinctivamente feitos pelas crianças desde manhã até á noite; em segundo, o exercicio intelligente dos movimentos naturaes das articulações, isolada ou combinadamente.

A primeira parte abrange, seguindo a ordem porque apparecem: a agitação dos membros, durate os decubitos, nos primeiros mezes da vida; o engatinhar; o andar, primeiramente auxiliada pelas pessoas, em seguida pelos objectos, mais tarde livre; a ascensão ou descensão de escadas ou moveis; a tracção de tudo a que po-

EDUCAÇÃO PHYSICA

Não podemos resistir a dar aos nossos leitores, salvo a devida venia ao illustre medico o sr. dr. Almeida Reis, a parte em que na sua magnifica theze *A Educação Physica*, trata da *Pratica dos Exercicios Physicos*.

Tem esta revista propugnado sempre pelo esmero e desenvolvimento da educação physica; por isso, seria nosso desejo transcrever aqui, toda essa theze, que é brilhante e consta de um bello livro de 191 pagina; falta-nos porém o espaço, embora nos sobre a boa vontade.

Que o distincto medico nos releve esta ousadia.

ALMEIDA REIS

A Educação Physica

Theze inaugural

CAPITULO III

Pratica dos exercicios physicos

Classificação dos exercicios. — Sua descripção, vantagens e prejuizos. — Condições que os modificam. — Technica do seu emprego. — Cuidados a tomar.

CONHECIDAS agora as indicações a que se devem subordinar os exercicios physicos e innumeradas e discutidas as suas bases, iremos classificá-los e estudá-los por sua ordem.

De varios modos se tem ordinariamente classificado, attendendo-se:

- 1.º — á sua qualidade.
- 2.º — ao seu machinismo.
- 3.º — ao agente dirigente, que tanto póde ser a vontade do proprio como a alheia.

No primeiro caso os exercicios serão distribuidos por dois grupos: simples e mixtos.

Seguindo o segundo criterio, o seu machinismo, temos de considerar exercicios moderados e violentos.

Mas se a classificação se subordinar á especie do agente então teremos gymnastica activa, e gymnastica passiva.



A Despedida

Copia de um quadro de . . .

dem lancar a mão, cadeiras, mezas, etc.; a carreira moderada ou pouco prolongada, e os saltos simples, de pequena altura e quasi sempre em profundidade; e, conjuntamente, os gritos, o riso, o choro, e o assobiar, que todos elles teem vantagens indiscutíveis, — em especial os gritos e os assobios — tanto por provocarem grandes dilatações do thorax, como por fortalecerem as cordas vocaes, robustecendo-as e aclarando a voz.

A segunda consiste na repetição moderada, mas repetida, dos movimentos articulares, quer livremente, quer auxiliados por aparelhos, portateis uns, fixos outros.

A gymnastica com aparelhos portateis só a podemos aconselhar, e é usada como meio therapeutico contra certos estados pathologicos localisados, ou com fins orthopedicos; a gymnastica com aparelhos fixos constitue o acrobatismo. E como aquella nos não diz respeito e esta a reprovamos, nada diremos nem d'uma, nem d'outra.

Quanto á gymnastica sem aparelhos ou livre, compõe-se dos movimentos, combinados ou não, da cabeça, dos membros superiores, dos inferiores e do tronco.

Os movimentos da cabeça, executados por intermedio das articulações das vertebraes cervicaes, entre si e com o cráneo, são tres: flexão e extensão, inclinação alternada para a direita e esquerda; e rotação de 90.º, alternada tambem, e nos dois sentidos. São devidos ao trabalho de todos os musculos do pescoço, e devem ser feitos com muita moderação e em pequena latitude, para evitarem dores de cabeça, atordamento e mesmo vertigens, devidos tanto a excesso como a deficiência da circulação cerebral.

Os movimentos dos membros superiores são: flexão e extensão dos dedos, do pulso, e do antebraço, supinação e pronação do antebraço; abdução, adducção, rotação, circumducção, oscillação e elevação do braço; e movimentos mixtos executados pelos diferentes segmentos do membro, e compostos da associação dos diversos movimentos simples, como por exemplo: extensão lateral e rotação dos braços, em quatro tempos; flexão e extensão vertical dos braços, em quatro tempos; extensão vertical alternada dos braços em dois tempos, etc., etc.

A sua descripção minuciosa encontra-se nos livros especies de gymnastica.

Os resultados que podem produzir são o desenvolvimento dos musculos e a flexibilidade das articulações, se forem feitos ao ar livre; de contrario não aproveitarão.

Como porém são executados no mesmo lugar, sem provocarem o deslocamento do individuo, e alem d'isso teem fraquissima ou nulla acção sobre os órgãos e funções internas, por ser em geral pequena a massa muscular em actividade, são pequenas as vantagens que occasionam, podendo apenas ser aproveitados, ou para combater excitações nervosas pela fadiga a que sujeitos todo o organismo — o que se pôde muito melhor conseguir com os jogos e exercicios violentos — ou destruir certas lesões locais, taes como rigezas articulares, entorses, etc. Tambem não deixaremos de insistir em que estes exercicios são puramente accessorios ou auxiliares dos que vamos agora estudar.

JOGOS DE CRIANÇAS. — Entram n'esta classe todos os jogos e brinquedos proprios de rapazes ou de meninas ainda novos.

São innumerous, sendo em todos elles a acção physiologica determinada pelo mesmo machinismo: exercicio preponderante dos membros inferiores.

Terão elles aproveitavel importancia para o desenvolvimento physico? Não tem aproveitavel, mas segura, positiva e notavel influencia, porque todos elles obrigam os jogadores: a saltos; corridas, sejam com o fim de alcançar, sejam de evitar o adversario; a movimentos ageis do tronco e dos membros, para cortarem curvas, esquivar o corpo ou alcançar jogadores perseguidos; e conservam as crianaas distraidas dos estudos, e n'um certo grau de contenção de espirito bem diverso do requisitado para a applicação intellectual, pelo que servem de derivativo á função cerebral, o que constitue a mais hygienica gymnastica do cerebro.

Em todos estes jogos, os elementos mais activos são os membros inferiores, como acima fica dito, e muitissimas vezes tambem os superiores; a sua acção sobre a economia é portanto geral, e ainda mais porque o estimulo de ganhar ou de não deixar perder a partida excita os movimentos, enthusiasma e recreia; e tudo isto comprehende-se bem, influe poderosamente.

No numero d'estes jogos — onde se encontram toda uma serie de intensidades em relação com a fadiga neuro-muscular por elles causada — tendo o seu minimo n'esses exercicios muito simples usados em primeiro lugar pelas creanças, e que talvez se podessem chamar *jogos elementares*, taes como a dança de roda, correr atraz d'um arco ou d'uma bola, saltar a corda, etc.; e

o seu maximo n'outros mais complicados e mais fadigosos como o jogo do chicote queimado, o caçador, etc., — entram, que nos lembrem, os seguintes, além dos já referidos: a semana, o homem, os quatro cantinhos, o burro machacaz, o eixo, o jará, simulacros de touradas, imitar cavallos puxando um carro, etc., etc.

Este grupo constitue uma verdadeira transição entre os movimentos naturais e os exercicios complexos, aonde devem pertencer e occupar o primeiro lugar, por ser formado pelos exercicios mais simples, e estarem, em reconhecida minoria, os jogos elementares que pela sua simplicidade mais se parecem com os exercicios naturais.

DANÇA. — A dança, exercicio tão antigo como o homem, talvez, não foi certamente inventada com o fim de desenvolver musculaturas, antes o foi para divertimento ou consagração de factos mais ou menos notaveis.

Assim, em todos os tempos e em todos os povos a dança entrou no numero de varias praticas, religiosas umas, simplesmente festivas ou guerreiras outras, e que, modulando-se sem cessar pelo caracter dos povos e das epochas, se teem conservado até aos nossos dias. Não admira, pois, que se tornasse quasi instinctiva, a ponto de ser grande a tendencia das creanças para ella. E' ver o que fazem ouvindo musica ou batendo-lhes as palmas.

Não esperam com certeza que façamos descrições das varias danças hoje em uso, quer campestres, quer de sala: valsas, polkas, etc. Deixamos isso ao sr. Justino Soares ou a quaesquer outros dançarinos de profissão e vamos dizer apenas algumas palavras sobre as condições em que devem ser executadas para não produzirem resultados perniciosos, e se lhes aproveitar para a economia a sua acção physiologica.

E' costume na actual sociedade dançar-se em salões mais ou menos simples ou luxuosamente mobilados, sempre bem illuminados e com concurrencia variavel. E como é, em regra, no inverno que a boa sociedade dá bailes, o medo das constipações obriga a hermetico encerramento das janellas, quando não tambem das portas a mais. Ora como a dança é um exercicio violento, pois põe em grande actividade todos os musculos do organismo e portanto todas as funções organicas, os convites para um baile são-nos antes para louta provisão de anhydrido e de oxido carbonicos e de ptomaina pulmonar que constituirão assim uma *ceia* larga e profusamente servida.

E como nós já estudamos qual a acção nociva d'estes agentes, vemos que a dança se torna assim o contrario do que era para esperar, um meio de definhamento o mais antihygienico possible. Provam-no as febres lentas, os emmagrecimentos, as anemias, que tantas vezes atacam as pessoas muito dadas a estes exercicios.

Tudo isto para dizer que só moderadamente e ao ar livre a dança pôde dar, e dá bons resultados, não esquecendo que os solavancos mais ou menos energicos imprimidos ao corpo nos diferentes passos ou andamentos se communicam ao estomago chocalhando-o, o que contradiz o seu uso apoz as refeições.

NATAÇÃO. — E' o meio natural de locomoção na agua. Exercicio commum, exercicio natural, tanto como o andar, em povos selvaticos espalhados pelos litoraes ou habitando ilhas, e dos quaes alguns ha que quasi passam toda a vida imersos no mar como os Caraibas das Antilhas ou os negros de Cabo Verde, pode-se considerar como uma arte entre aquelles a quem a civilização tem ido a pouco e pouco degenerando, e tanto assim que, quem com bom mestre não aprende, tem todas as probabilidades de morrer afogado se, cahindo á agua, oitrem lhe não valer.

Duas indicações imperam na natação: conservar o corpo ao lume d'agua, e avançar.

Qualquer d'estas duas condições só se consegue pela repetição, moderada e periodica, de varios movimentos dos membros, ainda mesmo que a conservação sobre as aguas seja de costas, constituindo o que se chama a *prancha*, em que o nadador só se mantem pela contracção energica de varios musculos, talvez mesmo de todos elles, e entre todos, os das regiões lombar e escapular.

O seu effeito physiologico, que pela sua moderação pouco excede o do andar, tem sobre este bastantes vantagens, pois que no andar é passivo o trabalho dos braços e na natação activo e bem activo. Tambem a sua acção sobre o thorax, e portanto sobre a função pulmonar, é mais intensa.

Além d'estas vantagens outras mais ha; assim por exemplo: é uma garantia individual no caso d'uma viagem; pode ser, e tem sido innumeradas, vezes, a salvação de desgraçados ameaçados de morte afflicta; e é um incentivo ou um meio seguro de vencer a reconhecida repugnancia do nosso povo pela agua.

Mais do que qualquer outro exercicio tem

este prescripções. Não se pode nem deve intentar-se antes de se fazer a digestão dos alimentos, o que, para pessoas normaes, representa tres a quatro horas apoz as refeições. Não se deve permanecer á borda do mar ou do rio passeando do despido — isto é, vestido com facto balneario — esperando que o corpo arrefeça para se atirarem á agua. E não se deve mergulhar de cabeça para baixo cahindo d'uma ponte ou d'um barco.

CANOAGEM. — Isto é, exercicio de remos ou em barcos á vela.

E' um dos melhores exercicios que se podem recomendar, por muitas e bem attendiveis razões. Primeiro, só podem ter lugar em cursos de agua ou no mar, e toda a gente sabe quanto puro não é, em regra, o ar nos logares de aguas correntes. Segundo, é um exercicio que põe em movimento todo o organismo, exercendo especialmente os seus effeitos sobre a caixa thoracica, como é facil de provar, por os braços executarem alternados movimentos de projecção para deante e para traz, cuja influencia sobre o thorax é bem manifesta. Além d'isso, como é nas pernas que o remador se firma e é em torno da cintura que se faz a flexão do tronco, os musculos lombares, dorsaes e os extensores e flexores das coxas produzem grande trabalho, talvez maior que o effectuado pelos braços, pois é n'elles que em primeiro lugar se notam os symptomas bem conhecidos do canção e quebrantamento.

Já que falamos na canoagem, podemos tambem lembrar os botes á vela, chalupas, escunas, hiates, etc., que obrigam os tripulantes a manobras bastante vigorosas, taes como: esticar a espia; igrar as velas; preparar ás vergas; e conservar o equilibrio, estando de pé, nos diferentes bordejamentos da embarcação, etc., etc.

(Continúa)

Secção litteraria

O porco

(Marquez de Chevillie)

Vou contar aos meus leitores uma anecdota, bastante original e pouco conhecida, que lhes dará uma ideia da alta consideração em que os verdadeiros agromomos têm o porco.

Um dos nossos mais insignes homens de guerra, a quem as preoccupações da gloria nunca fizeram esquecer os beneficos da paz, e que a um porte nobremente marcial reunia um raro bom-senso, uma grande recunha de espirito, um entranhado patriotismo e uma intelligente dedicacão pela marcha acelerada do progresso, o marechal Bugeaud, ao voltar da Argelia, dirigia-se para o seu adorado Périgord.

Fez passagem por Perpignan, onde tinha o commando, na qualidade de general de divisão, um official igualmente predestinado a occupar um logar distincto na primeira fila da nossa hierarchia militar e que se tornou celebre pelas suas estrategias bellicas e culto estremo pelos regulamentos disciplinares.

Mal se tinha apeado da diligencia, o marechal recebeu a visita do general.

Quando lhe fallou em que se demoraria dous ou tres dias em Perpignan, este convidou-o desde logo a assistir no dia seguinte a um simulacro de batalha.

Asseverar que tal convite deveria enthusiasmar um bravo, que talvez chegasse de Isly sem torcer caminho, seria faltar á verdade. Mas o marechal não quiz por certo recusar a um descendente do tio Tobiyas a satisfacão de mostrar a um bom entendedor que sabia conservar em todo o seu brilhantismo os pergaminhos hereditarios: accitou.

Tambem não ousarei affirmar que achou n'essa diversão um prazer extremo; é certo, porém, que a tolerou com bom agrado.

do, e, ainda mais, teve sempre um sorriso de aprovação para responder ao general que lhe expunha os sabios manejos, com os quaes estava conscio de conseguir rechassar o inimigo.

Comtudo, no mais forte da acção, o general, tendo-se afastado um pouco para superintender á mudança de posição d'um dos pelotões, quando voltou, já não encontrou o marechal no sitio aonde o tinha deixado.

Se bem que este não tivesse a fama de imitar Henrique IV nas singularidades do temperamento, era certo, todavia, que essa subita desaparição não podia deixar de lhe causar extranheza; mas, volvido um quarto de hora, uma certa impaciencia se apoderou do general, que mandou os seus ajudantes de campo em todas as direcções, á procura do illustre desertor.

Todos voltaram com a mesma resposta: nenhum encontrára o marechal.

O despeito do general, que já se havia convertido em desasosego, determinou-o a ir pessoalmente em sua procura.

Na occasião em que desembocava d'um caminho fundo, deu de rosto com o vencedor de Isly, mas n'uma occupação tão extravagante que, se não fosse o seu grande uniforme e o seu kepi tradicional, teria hesitado no reconhecimento do seu superior.

O marechal Bugeaud estava sentado n'um calhau, á beira do caminho, e, junto d'elle, de pé, via-se um porquero de vara em punho, com uma manta deitada pelos hombros e a cabeça coberta d'um largo chapeu esburacado e sebento.

Em volta d'elles pascia, grunhia, foscava e espojava-se uma respeitavel vara de porcos, cujo trato familiar parecia não ser menos agradável ao heroe africano, do que a conversa com o seu andrajoso guardador.

O general metteu a galope pelo meio da manada, sem querer saber se essa valente carga faria ou não victimas.

—Então que faz por aqui, senhor marechal?—exclamou.—O inimigo foi derrotado e só esperava pela presença do marechal para o flanquear pela esquerda e obrigar-o, enfim, a bater em retirada!

O bom do marechal meneou a cabeça encanecida.

—Queira perdoar se o esqueci por alguns momentos, meu caro general,—volveu elle —mas a minha desculpa melhor a póde achar na excellente companhia em que veio encontrar-me. Ora olhe,—aditou, agarrando um porco por uma perna, sem embargo do medonho berreiro que fazia—apalpe-me estes presuntos; que carne rija e socada! E então estes lombos, que largura e que solidez! E lembrar-se a gente de que este pobre moço, ganhando honradamente a sua vida, encontra meio de vender fazenda d'esta ordem a sessenta e cinco centimos o kilo! Deve confessar, meu caro general, que isto não é coisa menos interessante do que lá suas guerrasinhas... A mim sempre me pareceu que procurar bem alimentar a humanidade é obra mais meritoria do que saber dar cabo d'ella.

Tradução auctorizada.

ERNESTO VIANNA.

Em breve contamos poder dar, n'esta secção, original de um dos mais distinctos e primorosos homens de letras do nosso paiz; felicitamo-nos e felicitamos os nossos leitores.

CAÇA

Escolha e ensino do cão

Não é intenção nossa fazer exposição de theorias mais ou menos conhecidas dos caçadores, nem tão pouco crear proselytos da doutrina que vamos expôr. A pratica que nos deu a educação de algumas dezenas de setters, pointers e perdigueiros allia da á necessidade que sentimos de trabalhos que elucidem e estimulem os amadores ao conhecimento e uso dos modernos processos de caçar, são os motores que nos obrigam a abusar da condescendencia dos leitores d'*O Tiro Civil*, prestimosissimo órgão dos caçadores portugueses.

Não é de hoje o desejo de encetar estas linhas, desde largos annos dedicamos especial attenção a taes assumptos, mas, impunha-se pela assustadora deminuição da caça, a creação de um gremio de caçadores que defendesse os interesses dos discipulos de S. Eustaquio, não quizemos baralhar ideias, seguimos esse caminho.

Hoje, que estamos convencidos de que a união dos caçadores portugueses é um mytho, mas que vemos feitas e desenvolvidas as associações de caçadores, achamos opportuno tratar de outros assumptos cujo atrazo é vergonhoso quando um dia se venha a historiar a arte cynetica.

Porém, antes de encetarmos a especialidade de que desejamos tratar n'este capitulo seja-nos permitido emittir a nossa opinião sobre a divisão que achamos mais racional da grande familia *canidés*.

O cão é um mamifero placentario da ordem dos carnivoros que se encontra actualmente em duas phases completamente distinctas pelas formas e pelos habitos; o estado selvagem e o estado de domesticidade.

Trataremos um dia o estudo dos differentes generos, hoje apenas agruparemos os cães domesticos conforme o uso a que se destinem e aptidões especiaes: 1.º grupo cães de guarda, 2.º grupo cães de caça.

Para os cães de caça teem-se apresentado innumeradas subdivisões com as quaes não concordamos em absoluto e apresentamos a que nos parece mais em harmonia com o modo de ver de caçador e com as facultades do animal para o fim a que se destina; assim é que subdividimos os cães de caça em cães de mostra e cães de matilha.

São os cães de mostra que particularmente nos interessam, porque é n'esta especie de cães que se encontram as variedades e raças mais intelligentes, os typos mais bellos e caracteristicos, os cooperadores mais valiosos do caçador que ama a caça pela arte e a arte de caçar.

Perdigueiro, é o termo generico que em boa verdade pertence ao cão de mostra porque todas as raças derivam d'elle, mas algumas ha, que devido ao cuidado de amadores e cruzamentos intelligentemente dirigidos constituem uma raça especial e distincta. Classificaremos assim os cães de mostra; perdigueiros (bragues), setters e pointers.

De qualquer d'elles ha innumeradas variedades mais ou menos apreciadas, adquados a uma ou outra especialidade.

Como temos opinião formada sobre os

cães que mais convêm ao clima do paiz, diremos que todo o amator que possa utilizar o trabalho combinado de um setter e um pointer, ou de um perdigueiro e um setter, reunirá o maior numero de probabilidades de satisfação e exito. Isoladamente todos teem esplendidas facultades de trabalho, todos apresentam qualidades olfactivas de primeira ordem, todos são intelligentes e mais ou menos doccis.

A primeira difficuldade está na escolha o complemento no ensino.

Ao contrario do que ouço diariamente aos caçadores, é opinião nossa que o primeiro requisito que devemos procurar no cão que nos propomos ensinar é a raça.

Em todas as linguas se encontram dictados allusivos á caça que provam bem quanto cuidado os antepassados de seculo e meio para traz empregavam no aperfeiçoamento e conservação de raças tradicionais dos differentes paizes.

Si quieres tener buen perro, que teuga buen abolengo.

(Continua).

29-8-98.

HENRIQUE ANACHORETA

Enguiços e infelicidades

É para muita gente de mau agouro o numero 13, que elle determine uma quantidade de coisas ou pessoas, que marquem o dia de qualquer mez do anno. Eu nunca dei a mais pequena importancia a esse prejuizo que me tem divertido muitas vezes; e não hesitei, por isso, em abalar de casa no dia 13 do corrente, afim de, no dia immediato, dar a primeira licção, este anno a meus cães, n'um ponto em que a caça da codorniz é permitida por defeito d'uma postura camararia. Nunca engallinhei com o numero 13, disse; o que é certo, porem, é que agora já lhe não voto o mesmo indifferentismo e começo a dar algumas parcelas de razão aos que veem n'elle vaticinio mau.

Já uma vez, ao chegar á estação de Campanhã, com outro caçador que me acompanhava, tomou-me conta da minha mala um carregador que tinha aquella numero no bonet, e, reparando n'elle o meu supersticioso campanheiro, exclamou, bastante contrafeito: «Mau! temos enguiço na caçada.» E na verdade alguma coisa succedeu desestimavel.

No segundo dia de caça, devido a uma dôr rheumatica que me fez soffrer bastante e me impossibilitou d'andar, tive de caçar ao pé da porta, onde não havia nada, montado em gerico; e no dia em que regressavamos, a minha mala, que me tinham posta demasiadamente á beira da linha ferrea, no caes da estação, levou tamanha trombada do estribo do comboyo que ficou a largar as tripas por ella fóra, e desde logo completamente inutilizado.

E eu que a possuia havia tanto tempo e que lhe tinha tanta amizade, apesar dos seus vinte e tantos annos, lá tive de me separar da minha querida mala, tão leve, tão portatil, tão commoda que até me levava a espingarda!

A caçada quasi que foi ordinaria e n'ella me arreliou sobremaneira uma escarnecedoura lebre que me sahiu dos pés, n'um limpo, e que errei, perto, com dois tiros, como o maior *podão*, a despeito do seu desenrolar pausado, da sua carreira direita e sem presteza. Ainda hoje quando me recordo da partida ou a conto n'esses bellos cavacos venatorios que tanto nos entretcem, fico deveras azourado.

Valeu-me, na occasião, não ter á minha

beira o insigne caçador e meu amigo dr. Jayme Ribeiro; se o tivesse ao pé de mim, n'esse momento, seria certa a sua habitual exclamação, o seu *oh!*... assazmente prolongado e espicaçante, e eu, coberto de vergonha, açafroado do agastamento ou pallido do desânimo, teria, certamente, desistido de continuar a minha carreira que, por outras vezes mais, me tem pregado com sensorias d'estas, que tanto me pesam n'alma e me ficam para sempre memoráveis.

Mas deixemos para melhor occasião estas historias e vamos ao que me trouxe d'esta vez aqui.

No dia 13, á noite, apresentei-me na estação de Campanhã, com dois cães: tirei bilhete de 2.^a para Aveiro e despachei, para a terra dos ovos molles, os cães, na ideia de os metter n'uma das jaulas, sempre por lavar, immundas, negras como um tição e muitas vezes atulhadas de archotes que fazem companhia aos caninos passageiros. Munido da competente guia, encaminhei-me para o *fourgon*; tinha as duas unicas gaiolas, as do costume, as da ordem, já occupadas por cães. Alguns confrades meus em S. Huberto, com os seus perdigueiros atrelados, esperavam, impacientes no caes, que lhes fosse indicado o logar em que deviam seguir seus cães ou todos, cães e caçadores, de cambulhada. O comboyo estava prestes a partir e os empregados, que bem viam alli os cães e as jaulas cheias, continuavam, na forma do costume, perfeitamente socegados!

Dirigi-me ao representante da companhia real e pedi-lhe logar para os meus cães.

—Que os mettesse na jaula—disse.

—Que estavam cheias—tocou-me a mim para responder.

—Que não sabia, então, o que havia de fazer, retorquiu; que se estavam cheias, não poderiam seguir senão os cães que n'ellas se achavam.

—Que me desse um compartimento reservado em carruagem de 3.^a classe, como era costume, pedi; que n'elle me sujeitaria a ir com os cães e commigo todos os outros cães e caçadores que alli, nas minhas condições, se achavam.

—Que não podia sêr; que tal só era permittido no comboyo das 4 horas e 30 minutos da manhã.

—Que estava muito bem; que me iria embora, n'esse caso. Que andavamos para traz. Que eram assim os nossos melhoramentos. Que tivesse muito boa noite, que eu iria tel-a muito má.

—«Olhe: arrange-se lá como puder».

—«Está bem; muito obrigado».

E por um favor especial que me quiz fazer, e aos outros caçadores, o digno empregado que representa em Campanhã a Companhia Real, empregado que, valha a verdade, tem attendido sempre as minhas reclamações, umas vezes até com boa vontade, lá fômos em compartimento de 3.^a, mas... nada de reservado.

Reservado tornou-o á força um passageiro que se pôz a voar, que já lá estava, e que não quiz fazer, como nós, a figura de cães de caça.

Eu fui todo o caminho a pensar, a vêr se descobria o motivo porque somos assim tratados por todos ou quasi todos os empregados dos caminhos de ferro e, se me não engano, descobri-o. Descobri-o no dia seguinte de madrugada no quarto, defronte do espelho, quando n'este deparei com o meu retrato vestido á caçadora.

Descobri-o, penso eu, mas não digo como. Não o digo porque não quero que se saiba, por esse mundo fóra, o que parece um caçador ou o que pensam os empregados dos caminhos de ferro que elle é. Não o digo aqui, no *Tiro*, isso é que não digo, porque o *Tiro*, é lido por muita gente e essa gente escusa de saber quem faz lembrar o caçador, com quem se confunde, na roupa e até no rosto, quando vae ou vem da caça enfarpellado no seu trajo cynegetico.

Mas a si, meu caro amigo, vou dizelo; mas... ouviu... em segredo; muito em segredo! Não me comprometta, pois; não estampe no seu jornal a minha confidencia. Olhe que se os meus confrades sabem que tive a ousadia, a petulancia d'imaginar uma coisa d'estas... matam-me com uma paulada na cabeça como quem mata, á espreita, um laparo na cama, no seu somno matutino.

Vá... oiça... mas oiça perto... muito perto, e jure-me que será para si sagrada



João Moniz da Costa Velho
Distincto cyclista

a minha revelação. O caçador... sabe... o caçador... Não posso! Falta-me a coragem. As paredes tem ouvidos. Não posso!

Mas eu prometti dizer-lh'o; não devo faltar á minha palavra.

E se eu lh'o dissesse em hebraico? Em hebraico as paredes ouviriam, lá isso ouviriam, mas com certeza que não percebiam nada.

O quê?! Basta em francez?! Então em francez as paredes tambem não percebem nada?! E' verdade que no geral as paredes são *tapadas*, e estas que nos cercam são mais *tapadas* do que uma porta.

Pois vá. Vá lá em francez; ainda assim, chegue-se; só ao ouvido lh'o direi.

Geralmente, o caçador... ouve?... o caçador geralmente... *est fait comme un voleur de grand chemin, et, comme l'habit fait le moule*, na opinião dos empregados dos caminhos de ferro, o caçador, mettido no seu trajo cynegetico, sujeita-se a sêr tomado por um... não, repetir é que eu não repito—isso é que não repito—mas o que é certo é que o tomam por aquillo que lhe disse ha pouco. Isto pode ter a certeza que não falha.

Eu já andava ha muito tempo desconfiado d'isto mesmo, porque uma vez ouvi dizer a um d'esses empregados, com ar de

mofa, para um collega d'elle, referindo-se a mim: «Que typo! O' José, não parece mesmo...?»

Desde essa occasião até hoje, apresento-me nos comboyos sempre na apurada. E o caso é que agora, com o meu chapêo do Chili e enlulado, passo por brasileiro e já me vão deixando ir em 3.^a com os cães.

A's vezes, é a gente obrigado a sahir de casa, já vestidinho de Nemrod e n'esse caso tem de se sujeitar; mas, do mal o menos, como lá diz o dictado.

Porto, agosto 27 de 98.

B. DE SA.

Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é órgão official da Associação)

Parte official

SESSÕES DA DIRECÇÃO DE 16 E 23 DE AGOSTO

PRESENTES a maioria dos membros da direcção, foi lida a correspondencia de: Governador Civil de Beja; Administradores de Coruche, Campo Maior, Cartaxo e Mafra. Do administrador do Sardoal participando o processo contra Americo Lopes de Andrade. Da Real Associação Naval, communicando eleição de novos corpos corpos.

Resolveu-se officiar aos chefes das secções fiscaes de Santa Apollonia, Caes do Sodré, Rocio, Caes das Columnas e Barreiro, pedindo a apprehensão da caça que se apresentar a despacho e que tenha sido apanhada em armadilhas.

Foi nomeada uma comissão de vigilancia encarregada de cohibir a venda da caça apanhada em armadilhas e promover as buscas. A comissão é composta dos srs. João Pedro Fernandes, presidente; Luiz Maria Tavares vice-presidente; João Franco Bastos, Eduardo Jayme Aldim, Joaquim da Silva Pisco, João Antonio Vasconcellos Machado, Joaquim Alberto Nepomuceno, Jorge e Manoel Cosme Gomes.

Deliberou-se continuar a propaganda contra as armadilhas e o secretario communicou que esta já estava concluida nos districtos de Aveiro, Coimbra e Guarda, seguindo-se agora Porto, Villa Real e Vizeu.

Reclamar junto do administrador do Cartaxo contra a caça a furão e ramo.

Tratou-se de umas questões suscitadas em Campo Maior, pela entrada de hespanhoes armados, ficou este assumpto pendente para estudo.

Providenciar contra o uso das ratoeiras em Villa Nova de Paiva, Fraguas, Villa Cova, Sattam e em todo o districto de Castello Branco.

Reclamar contra os abusos que se estão praticando em Chança e fazer processar o regatão Joaquim Antunes Vellez.

Fez-se contrato com um preparador de Zoologia para fazer trabalhos para a associação e para os socios, por preços rezumidos.

A direcção resolveu consignar na acta um voto de louvor aos socios srs. Almeida Beja, de Abrantes; Dr. Joaquim Aguiam, do Cartaxo; Manuel Belchior Nunes, de Villa Viçosa; Dr. Souza Leal, de Evora; Caetano da Guia, de Santarem e Henrique Salles, das Caldas da Rainha, pelos valiosos serviços e auxilios prestados durante o *defezo*.

O mesmo com relação ao sr. Governador Civil de Lisboa, Evora e Santarem; administradores dos concelhos de Cintra, Azambuja, Villa Viçosa, Mafra e Sardoal; commandantes dos postos fiscaes de Campo Maior e Alandroal.

Caça

ENTRE outras chegam ao nosso conhecimento, as seguintes noticias de caça:

Socios da Associação dos Caçadores Portuguezes; grupo Luiz W. Andrade, Arthur W. Andrade, Jayme P. Coutinho e outros nos dias 15 e 16, perdizes 25, coelhos 2.

Grupo: Aldim, Almada Junior, H. Anachoreta e Oliveira, nos dias 15 e 21, perdizes 29, lebres 6, coelhos 2, 1 pombo e 1 rola.

Hermiterio de Barros, Vasconcellos, Antonio Costa e outros, no dia 15, mataram 86 coelhos, entre Cadaval e Mergueira.

José Estevão da Silva e Souza, em 15, 5 perdizes e 2 coelhos.

Capitão Figueiredo e tres amigos, 22 perdizes e 4 coelhos.

Grupo Cambornac. 18 espingardas mataram 60 perdizes.

Nuno Infante da Camara e dois amigos em Rio Maior, 27 perdizes, 2 lebres e 1 coelho.

Luiz Vieira Caldas e dois amigos, 17 perdizes, 1 coelho, 1 codorniz.

Um grupo de quatro caçadores nas proximidades de Santarem, tambem no dia 15, mataram 28 perdizes, 2 lebres, e 2 coelhos, dos quatro o sr. Antonio Dias matou 10 perdizes.

João Manuel de Vasconcellos Machado matou 6 perdizes, e ao saltar n'uma vinha para apanhar uma perdiz que alli lhe cahiu, saltou-lhe outra perdiz, a que apontou e não disparou, por a vér seguida de uma ninhada de perdigotos pequenos como pintainhos, fez o nosso amigo muito bem.

Caçadores não socios: o filho do João da Burra, no dia 15, matou 12 perdizes e o companheiro 11.

O grupo da fabrica Cupertino Ribeiro, do Cacem, matou 26 perdizes, 6 coelhos e 1 lebre.

No Alandroal, 23 caçadores mataram 91 coelhos, 12 perdizes e 6 lebres.

No Gradil, 8 espingardas, mataram 80 coelhos.

No dia 15, no centro da povoação de Carnaxide, foram apanhados á mão 6 perdigotos, vivas, vinham batidas da serra; o jardineiro da S.^a da Rocha, junto a Carnaxide, tambem no jardim, apanhou 4 perdigotos vivas.

José Antunes dos Santos, em Rebanques, com outros amigos, matou n'uma caçada 40 coelhos e 3 lebres.

O afamado caçador proficional, Domingos Carreca, da Porcalhota, tem morto desde o dia 15 até hontem 31 de agosto, 129 perdizes!

VELOCIPEDIA

João Moniz da Costa Velho

UM novo, mas já temivel competidor, tal é o nosso biographado.

N'um tempo assáz curto conseguiu collocar-se a par dos nossos principaes corredores e ainda que elle não se possa enfileirar definitivamente n'aquelle numero é, repetimos, um adversario de respeito.

Moniz, podia ainda ser melhor corredor do que realmente é se não seguisse certos conselhos que em vez de o fazer elevar o estragaram; perdêe-nos este desabafo que só parte d'um amigo sincero assim como tambem nos perdoará lembrarmos-lhe a pressa que teve em se medir com seniors fortes quando podia, e a isso ninguem obstava, continuar correndo este anno em juniors, pelo menos assim o permite o regulamento da União Velocipedica Hespanhola que de mais perto nos rege.

Em todas as corridas em que tem entrado salienta-se d'uma maneira brilhante; recorda-nos por alto as seguintes em que ganhou premios:

Cuba — senior fracos.

Centenario — amadores.

Real Club de Velocipedistas — seniors forte amadores.

Abrantes — senior fortes e handicap.

Alcanena — seniors fortes.

Velo Club — seniors fortes.

E' como se vê curta mas distincta a sua carreira de cyclista.

Por ultimo receba o nosso amigo Moniz os parabens de *O Tiro Civil*, e os nossos sinceros votos pela continuacão das suas victorias.

Cycl.

Cyclismo portuense

Cyclismo tem estado deveras animado no norte do paiz.

Corridas em Braga, Vianna, Villa do Conde e brevemente no Porto.

Em todas teem tomado parte os nossos principaes corredores.

Enthusiasmo a valer, em Braga e Villa do Conde; n'aquelle cidade correram-se os campeonatos de Braga, do districto de Braga e o da provincia do Minho, sendo para lastimar que não haja pista permanente porque vimos ali rapazes que podiam ser bellos corredores.

O chamado velodromo de Braga é uma pista de terra molle, arranjada *ad hoc* no

postos por pessoas completamente alheias á velocipedia e que nada sabem de corridas.

Devem compor o jury pessoas de respeitabilidade, mas que saibam que lugar vão occupar.

Assim estranhámos que o jury estivesse em acaloradas discussões com os corredores e que deixasse de admitir n'uma corrida um corredor por se apresentar com machina de estrada e admittisse n'outra corrida um com calção de passeio e grossas meias de lã e botas!!!

Na corrida principal em que entravam Heredia e Lopes o signal de campainha foi dado na penultima volta, de que resultou ter Antonio Lopes perdido terreno e perderia a corrida se não fosse avizado a tempo.

Se não se desse este caso, Antonio Lopes teria ganho por muito mais.

Não sabemos de quem foi o engano que será bom evitar para outra vez.

Antonio Lopes foi victoriadissimo.

Brevemente ha grandes corridas no velodromo da Serra do Pilar, tomando parte José Bento Pessoa, Heredia, e Antonio Lopes.

Falleceu a mãe do sr. commendador Motta Ribeiro, secretario geral do R. V. C. P., a quem enviamos o nosso pesame.

No dia 18 de setembro realisa o R. V. C. P. uma corrida de estrada *turn and back* sendo a partida e a chegada a Carreiros (Foz do Douro).

Até ao proximo numero.

Porto, 27 de agosto de 98.

PEDAL CHICO.

Chronica

EM 4 do corrente realizam-se no velodromo D. Luiz Filippe, na Serra do Pilar corridas com o seguinte programma:

1.^a — Juniors — 3.000 metros, 3 objectos d'arte.

2.^a — Amadores do Norte — Campeonato 3.000 metros. 1.^o Cruz de

Campeão (vermel) 2.^o objecto de ouro. 3.^o objecto de arte.

3.^a — Campeonato de Portugal — 15 voltas, 1.^o 20\$000 réis e cruz de campeão (ouro) 2.^o, 12000.

4.^a — Campeonato do Districto — 6 voltas — 1.^o 10\$000 e cruz de campeão, 2.^o 6\$000, 3.^o, 3\$000.

5.^a — Perseguição (Nacional) 6 voltas. 1.^o Relogio de ouro, 2.^o objecto de arte.

6.^a — Consolação — 3 voltas, 1 objecto de arte.

7.^a — Fitas — offerecidas pela colonia balnear feminina da Foz, Mattosinhos e Espinho.

Em Vianna do Castello houve no domingo 28 corrida de bicycletas com um tal enthusiasmo e disputa como desejaríamos ver aqui.

Para prova basta dizer que estava José Bento e outros que taes.

As corridas foram organizada pelo Club Vianense que apezar de toda a sua boa vontade e trabalho não teve a concorrência desejada.

O resultado das corridas foi o seguinte:

1.^a — Resistencia — 1.^o José Bento 20\$000, 2.^o Antonio de Magalhães 10\$000.

2.^a — Districtal — Lobo de Miranda e Manuel de Carvalho.

3.^a — Record da legua por José Bento em 8^m50"

4.^a — Local — L. Miranda e Manuel Carvalho.

5.^a — Velocidade — 1.^o 10\$000 Magellan, 2.^o 5\$000 Lobo de Miranda.

6.^a — Consolação — chegaram primeiro á meta Torres e Viamonte.

Consta-nos que em Villa do Conde, houve umas corridas em que tomou parte José Bento, Antonio Lopes e Sebastião Heredia, ganhando José Bento por distancia pequenissima a Antonio Lopes, batendo este com grande facilidade Sebastião Heredia.

E' pena Antonio Lopes não ter estado tão forte nas corridas do Cen.enario. Talvez ganhasse mais...

Cycl.



Sebastian Silvan (El Chispa)

Distincto bandarilheiro hespanhol

Campo do Salvador e em condições absolutamente condemnaveis para corridas velocipedicas; assim ás curvas sendo muitissimos fechadas teem muito pouca inclinação e uma das rectas sobe 7 a 8 % resultando a entrada na curva perigosissima.

Não houve contumdo desastres com o que muito folgamos.

A direcção das corridas a cargo do R. V. C. P. encantou-nos.

Antonio Lopes fez o record da legua sendo muitissimo applaudido; as más condições da pista é que o não deixaram fazer o que podia.

A commissão das corridas presidida pelo nosso amigo Laurindo Costa viu bem coroados os seus esforços porque as corridas foram brilhantes e concorridissimas; não havia um lugar vago e o publico sahia satisfeito.

Em Vianna juntaram-se José Bento e Antonio Lopes, ganhando a principal corrida José Bento Pessoa.

As restantes corridas más e a direcção...

Em Villa do Conde, Antonio Lopes e Sebastião Heredia, ganhando a principal corrida o primeiro corredor, a quem o publico applaudiu com delirio.

Estranhámos muito que para corridas de certa importancia os juries sejam com-

NAUTICA

Real Associação Naval

DAMOS hoje uma lista completa dos nomes, armações e proprietários dos 45 yachts, que até hoje, estão registados n'esta benemerita associação.

Os ultimos registados foram a canôa *Medusa* de S. M. a Rainha D. Amelia e a *goelette, Vainha* do sr. commendador Jacintho Carneiro de Sousa e Almeida, opulento proprietario na Ilha de S. Thomé, este bello barco a vapor é de aço e ferro, tonelagem net. 101; entrou no dia 29 do mez findo no nosso Tejo.

Adelaide, escaler a vapor, Carlos Albers.

Amora, bote, J. Gilman.

Andorinha, bote, Marquez de Fronteira.

Attila, canôa, João Carraça.

Aquilla, palhabote, Clemente Joaquim da Costa.

Berthe, canôa, Alberto Macieira.

Coquette, bastardo, Infante D. Afonso.

Dahlia, steamer, José Ferreira Netto.

Estrella, cutter, Carlos Duarte Luz.

Estrella, canôa, Marquez de Fayal.

Eugenia, canôa, Eloy Castanha.

Evangelista, canôa, F. Godfrey Poppe.

Fira Fly, cutter, John Leicester Wilson.

Flora, chalupa, J. Antonio Cardoso.

Formiga Branca, canôa, Hugo Oakley.

Gaivota, canôa, Jorge O'Neill.

Gypsy, cahique, H. Jauncey.

Gwendoline, cutter, J. Ferrão Castello Branco.

Insua, steamer, Francisco d'Albuquerque.

Jacrau, bote, J. Teixeira de Carvalho.

Lia, palhabote, S. M. El-Rei.

Lydia, bastardo, José Gomes Serra.

Maçarica, canôa, Marquez de Fronteira.

Maria, cahique, Carlos Vieira de Mattos.

Maria, chalupa, Dr. Augusto Francisco d'Assis.

Maria Leonor, cahique, Virgilio da Costa.

Medusa, canôa, S. M. a Rainha D. Amelia.

Mina, bombardia, H. F. Moser.

Miguella, palhabote, F. Gomes d'Avellar.

Morgada, canôa, D. Manoel de Menezes.

Narseja, bastardo, J. Pinheiro de Mello

Pindella.

Nautilus, palhabote, S. M. El-Rei.

Neptuno, Yawl, Isaac Abecassis.

Orion, cutter, Domingos A. Abreu Junior.

Sirius, escuna, S. M. a Rainha D. Maria Pia.

Surpreza, palhabote, Duque de Palmella.

Sant Elmo, cutter, G. Almeida Santos.

Sophia, cutter, Carlos Bleck.

Tagide, chalupa, Antonio Borges Coutinho de Medeiros.

Vega, Yawl, Alfredo O'Neill.

Vainha, goelette, Jacintho Carneiro de Souza e Almeida.

Venus, bote, J. Gilman.

Vera, cutter, José Paulo dos Santos.

Vipor, cutter, Francisco d'Albuquerque.

Worwaerts, bote, J. Gilman.

Vélas furadas

No numero de março da *Rivista Maritima* temos algumas observações a respeito dos resultados de experiencias com vélas furadas feitas a bordo do brigue escola *Miseno* em regata com o brigue igual *Palimiro*.

Tanto d'estas observações como de narrações anteriores de capitães de navios de véla italianos, se conclue que as vantagens de andamento se notam principalmente de bolina, cal-

culando-se que a adopção das vélas furadas dá aos navios uma velocidade de mais uma milha por hora.

Tambem se nota que as vélas furadas têm maior duração, provavelmente porque ao carregar de baixo do vento se não fatigam tanto, porque os furos das vélas despejando o vento, fazem embolsar a véla, em lugar de a deixarem dar sapatadas.

Nota-se que os navios de bolina abatem menos, e portanto na mesma direcção andam mais, visto que não precisam navegar tão orçados. Comquanto se queira explicar o facto, avançando que a véla sem furos dificultando o despejar do vento não puxa tanto, a verdade é que esta explicação se não comprehende bem. Outros explicam o caso, mostrando que a parte de sotavento das vélas latinas e redondas junto dos punhos das escotas tem uma direcção de pópa á proa e que portanto faz abater em lugar de fazer seguir; e que esta acção sobre o abatimento é consideravel, porque o vento incide n'aquellas superficies com um angulo muito importante: ora os furos das vélas junto dos punhos das escotas tem por effeito deixar despejar o vento e portanto diminuir a sua força sobre as superficies visinhas, concorrendo portanto para diminuir o abatimento e mesmo a inclinação. E' verdade que os furos de barlavento dos punhos das vélas redondas reduzem a superficie da parte util da véla, mas esta redução é insignificante e com grande excesso compensada pela acção dos furos de sotavento.

As vélas furadas não têm tido successo nos barcos de regata, naturalmente porque as vélas d'estes barcos, cortadas com todos os cuidados por mestres habeis e esticadas por meio de *battens*, preparam sempre bem, fazendo parede e não ensacando junto do punho da escota como as vélas dos navios grandes.

Na marinha portugueza, que nos conste, só o *Pero d'Alemquer*, o maior navio de véla portuguez, usa vélas furadas; mas como o navio fez a viagem a Lourenço Marquez carregado e limpo com vélas antigas, e voltou sujo e leve com vélas furadas, parece que nada se pôde concluir, a não ser que os furos das vélas as tornavam mais facéis de carregar.

A provarem-se as vantagens d'esta modificação é natural que o methodo se aperfeioe, e que as dimensões e numero dos furos das vélas variem, sendo até possível que junto dos punhos das escotas a lona seja substituida por redes de fio ou de arame.

(Dos *Annaes do Club Militar Naval*.)

PEDESTRIANISMO

Sport Club

ESTE grupo já bastamente conhecido pelas esplendidas festas que tem organizado resolveu festejar condignamente o seu segundo anniversario que passa em setembro proximo.

A commemoração este anno consta de 4 corridas pedestres, em Algés, um jantar official e sessão solemne para distribuição de premios.

O S. C. desejando dar ao *Tiro Civil* uma prova da sua gratidão pelos serviços importantes que esta magnifica revista tem prestado ao sport nacional, resolveu offerecer-lhe a primeira corrida que é a de mais importancia do programma.

O jury que deve presidir a esta festa compõe-se de um delegado do *Grupo Academico de Foot-ball*, outro do *Club Sports Athleticos* e dos srs. Annibal Pinheiro Costa, Cezar da Rocha Ferreira da Silva e Arthur dos Santos. Haverá tambem um jury de honra formado por tres distinctos sportsmen que resolverão qualquer incidente levantado durante as corridas.

A distribuição dos premios será confiada a senhoras que igualmente formarão a meza na sessão solemne que se realizar.

O programma das corridas está assim elaborado.

1.^a — Nacional, 600 metros — Algés á Boa Viagem e volta (offerecido ao *Tiro Civil*) 1.^o premio objecto d'arte (premio

Vieira d'Almeida) 2.^o medalha de vermeil, 3.^o medalha de prata.

2.^a — Juniors, 2.600 metros — Algés ao Dáfundo e volta. (Offerecida ás ex.^{mas} damas de Algés, Pedrouços e Cruz Quebrada.) 1.^o premio medalha de vermeil, 2.^o medalha de prata, 3.^o diploma de medalha de cobre.

3.^a — Velocidade, 500 metros — Ribamar a Algés, (offerecido ao *Club Sport Athleticos* e *G. A. de Foot-ball*) 1.^o premio medalha de prata, 2.^o diploma de medalha de prata e 3.^o diploma de medalha de cobre.

4.^a — Corrida Senior 3.000 metros — Algés á Cruz Quebrada, (club) e volta (offerecido aos cavalheiros que formarem o jury de honra) 1.^o premio medalha de vermeil, 2.^o medalha de prata e 3.^o diploma de medalha de prata.

Esta festa principia ás 4 horas da tarde, tocando durante ella uma excellente banda de muzica.

PAULO ZITTE

TAUROMACHIA

Sebastian Silvan

(Chispa)

MUITOS teem sido os novilheiros que se teem apresentado ao publico portuguez, mas nenhum como *Chispa*, tem conseguido a fama que em tão pouco tempo obteu; Sebastian Silvan é d'esses toureiros que se podem ver trabalhar todos os dias, sem nunca aborrecer o espirito dos *aficionados* entendidos, por isso que conta com grandes recursos de que faz uso sem o alarde nem os exaggeros dos toureiros andaluzes.

Porém, isto não quer dizer que elle seja funebre perante as rezes, antes pelo contrario, lida com muita alegria e luzimento, sem contudo perder a seriedade que possui todo o toureiro que se preza de ser completo e distincto no seu officio.

Toureando não é d'aquelles que trabalham para *ganhar* e sim unicamente por gosto e amisade pela profissão que tão brilhantemente desempenha, sem que outro collega da sua cathogoria o consiga supplantar.

Até hoje ainda nenhum outro matador sem alternativa conseguiu passar-lhe adeante, e o mesmo tem succedido com uma infinidade de toureiros de *cartel*, d'aqui resulta ser o applaudido *Chispa* chamado por muitas empresas, que á porfia o desejam contractar.

Sebastian Silvan é de Almorox, (Toledo), tem percorrido os principaes centros taurinos de França, Hespanha, Portugal e Brazil estando actualmente em Lisboa com os seus bandarilheiros Manoel Morales, *Escabehero*, e Bruno Silvan, *Roja*, seu irmão.

E. D'A.

Vichy taurino

E' horroroso o calor que ha uma semana nos atormenta: temos tido o prazer de vêr á sombra o thermometro a 34° cent.^{os}

Ao chegar a esta tive uma surpresa vendo annunciados touros de morte com Mazzantini, aqui ao pé da porta.

Não fui vêr o mestre, mas contam que fez coisas extraordinárias, no dizer d'estes *anacletos*.

Na corrida de inauguração, não se sabe como, emquanto estavam despachando um cornupeto saltaram outro para o *redondel*, e o *Quinito*, que era o matador, declarou que não matava nenhum dos bichos e que não voltava a arena emquanto não tirassem de lá o intruso.

O incidente durou 25 minutos e afinal foram ambos para dentro.

Já tenho bilhete para a proxima corrida que é no dia 28, com o *Quinito* e *Gorete* e touros de Veragua e Valle.

A praça é muito grande, toda de madeira, mas como é muito baixa, mal orientada, e a corrida começa ás 2 horas, acontece que ha sol na sombra em quasi todo o espectáculo.

Cada logar de sombra custa a bagatella de 12 francos.

Como curiosidade, e tambem como novidade, informo, que n'esta praça os camarotes são sobre a trincheira, depois dos camarotes é que começam os logares de sombra, e para traz em amphitheatro.

Os camarotes ficam no que se chama ahí barreira e contra barreira, e custam 60 francos com 4 entradas.

Vichy, 2-8-98

F.

Campo Pequeno

Dia 21 de agosto — com doze touros mansos pertencentes ao sr. Thomaz Piteria, realisou-se n'esta tarde uma corrida em beneficio do sr. Carvalho, fiscal da empresa.

Fernando de Oliveira e Simões Serra, houveram-se com o 1.º, 5.º, 7.º e 10.º deixando boa ferragem e ouvindo palmas em abundancia.

Dos bandariheiros, sobreram as honras a Torres Brancos que fez a sorte de cadeira, prendendo um bom par a *cambio*, Manoel dos Santos que, collocando-se sobre um lenço, executou um *quebro* regular, e *Pescaderito* em dois pares de ferros de palmo. Calabaça, Raphael e *Pescadero* bem.

Bonarillo trasteou o 2.º e 4.º no qual prendeu dois pares a *cambio*. *Lobito* bandarilhou bem o 6.º, em companhia de *Bombita Chico* que toda a tarde recebeu grandes ovações pelo seu trabalho valente e adornado. Este joven *diestro* ao lidar o 9.º foi colhido, recolhendo sem sentidos, á enfermaria onde se lhe verificou a deslocação do braço direito.

Foram pegados seis touros Casa menos de meia e direcção má.

Dia 28. — Em beneficio do velho artista João Sancho, realisou-se n'esta tarde uma corrida na qual foram lidados touros, de varios lavradores e que sahiram tão bons que logo se via... serem offerecidos.

Os cavalleiros que eram Fernando d'Oliveira, Manoel Casimiro e Simões Serra, portaram-se bem, sobretudo Manoel que, no 5.º, de Emilio Infante, teve uma superior gaiola, assim como mais quatro ferros de merecimento.

Dos bandariheiros sobresahiu Theodoro e logo a seguir Torres Branco, Raphael, Calabaça e Thadeu.

O grupo de forçados apresentou-se para pegar o 1.º da tarde, e o *cabo* o conhecido florista Gonçalves Peixinho, cahiu na cabeça da rez, fazendo uma pega valentissima; os collegas, porém, que eram todos uns ineptos, não o auxiliaram, e o touro cheio de poder e livre de embaraços, deu um grande *derrote*, arremessando o pegador que, além de varias contusões e escoriações, soffreu uma commoção cerebral, pelo que teve de recolher á enfermaria, d'onde sahiu em maca para sua casa. O sr. Botas foi o principal culpado d'este desastre, pois nunca deveria ter mandado pegar um touro com a força do primeiro estado e sem haver recebido uns convenientes lances de capa, obrigando-o a entrincheirar e a baixar-lhe a cabeça.

O grupo retirou-se envergonhado, porque não teve coragem para desafrontar o companheiro e só appareceu no 9.º para fazer, de novo, má figura e receber os mais justos assobios.

Casa má. Tarde ventosa.

EL SOBRESALIENTE.

EQUITAÇÃO

(Continuado do n.º 143)

ANTES de fallar da primeira lição da cavalleira é essencial illucidar-a no que é picadeiro e o que esta palavra significa.

O picadeiro tem como synonymos as palavras Academia e Escola, e entende-se por estas palavras em equitação (1) um terreno mais ou menos vasto murado onde se ensinam cavallos e se dão lições de equitação.

Ha duas especies de picadeiro, o coberto e descoberto, o coberto, deve ter a figura de um quadrilongo ou parallelogrammo tendo em comprimento duas vezes a largura, o solo ou terreno natural deve ser bolido e nivelado e revestido por cima de uma camada de areia ou raspa de carvalho na proporção de 14 a 15 centimetros de espessura. As janellas para darem claridade ao picadeiro serão abertas a quatro metros a cima do solo e as vidraças fuscas para evitar que o sol encommode a vista dos discipulos e amedronte ou espante os cavallos.

Uma tribuna larga e espaçosa destinada ás pessoas que queiram assistir ás lições. Esta tribuna deverá ser collocada á entrada do picadeiro por ser mais comodo para os assistentes. As paredes serão guarnecidas de madeira podendo esta ser collocada a direito ou com inclinação, isto é preferivel porque evita o roçar da perna dos cavalleiros quando o cavallo se pretende defender.

Quando o picadeiro se encontrar secco deve-se regar, não empregando muita agua para que não dê logar aos cavallos escorregarem porque pode occazionar certas lezões; e deve-se cavar de vez em quando para não se tornar demasiadamente duro.

Um picadeiro civil que tenha trinta metros de comprido por quinze de largo é considerado bom segundo a santa opinião do mais abalizado picador o mestre F. Baucher.

A luz para o picadeiro pode ser tambem dada por claraboia tendo o cuidado de fuscar os vidros para evitar os inconvenientes que já citei.

O terreno do longo dos muros chama-se *pista*, e os quatro angulos dizem-se *cantos*.

Nos picadeiros antigos havia uns pilares para o ensino dos ares altos, o que desapareceu com o systema Boucher.

E' notavel que a maior parte dos termos de picadeiro derivam do Italiano porque é á Italia que se deve as primeiras e principaes regras de equitação. Foi Frederico Grisona o primeiro Napolitano que no 16.º seculo escreveu sobre esta tão sublime arte intitulando o seu livro *Ordini de cavalcare* e que em Napoles estabeleceu a primeira Academia. Foi aqui que se tornou celebre João Baptista Pignastelli e onde toda a nobresa de França e Alemanha ia admirar tão grande mestre; foi ainda d'esta academia que saíram La Brone e Plunnet que vieram para França onde fundaram academias em Paris, Tours Bordeaux, Liou etc. e que depois se multiplicaram por todo o reino; eis portanto d'onde vem a palavra academia como synonymo de picadeiro.

(1) Equitação, do latim equitatio, arte de montar a cavallo e de o dirigir segundo certos principios e conhecimentos.

Escola, é o logar onde se ensina uma arte uma sciencia, assim diz-se este cavallo tem trez mezes de escola quer dizer que começou os seus exercicios ou aprendizagem ha tres mezes.

Um bom cavallo de escola é aquelle que reúne todas as qualidades de ensino e mansidão para dar lições. Todos os movimentos altos, isto é, piaffer, passo hespanhol, passagem, ou trote curto; trote suspenso, passagem de mão ao galope de dois em dois tempos e a tempo, etc., diz-se *alta escola*; assim como o passo, o galope, rotações directas e inversas, ladear, se chama *baixa escola*.

O picadeiro descoberto deve ser maior do que o coberto, deve ter um muro com tres a quatro metros de altura, o solo estar nas mesmas condições d'aquelle, tanto em nivelamento como em espessura de areia, e haver o mesmo cuidado na rega no verão, assim como cuidado no inverno fazendo uns regos ao centro para livrar as aguas de se accumularem nas pistas.

Estes picadeiros em França são destinados aos grandes exercicios das escolas de cavallaria.

(Continúa.)

G.

PHILATELIA

Falsificações

(Continuado do n.º 143)

Elles se distinguem, emfim, na imperfeição final do primeiro R. de CORREO, que é unido ou ligado ao segundo e n'um pequeno defeito que se nota no contorno do nariz, na effigie, á altura do olho.

Apesar de, oficialmente se fallar de duas chapas, está averiguado que havia mais 10 ou 12 variedades de sellos falsos de 1/2 real e quatro ou cinco dos de 1 real.

E' claro que taes falsificações são dos primeiros sellos das Antilhas Hespanholas (effigie á direita de Isabel II).

Dos sellos de 1868 (Effigie á esquerda —ULTRAMAR.) tambem ha falsificação, (typo com a era ou *millessimo*), havendo já sido encontrado varios sellos falsos do typo d'essa emissão, carimbados em fins do referido anno.

Como é sabido, o typo da emissão de 1869 só differe da anterior na designação do anno, e os falsificadores fizeram tambem na sua *obra* essa modificação. Só então é que as auctoridades descobriram a fraude, e ha tambem um documento official que dá a conhecer os seus caracteristicos, que são os mesmos dos falsos de 1868, servindo-nos por isso para distinguir uns e outros. (Além d'isso, os falsos de 1868 tem o picotado 14 1/2, em vez de 14.)

Esse documento é um aviso do administrador geral dos correios, datado de 24 de novembro de 1869, que já tinha sido precedido d'um outro do director do correio da Havana, Daniel del Maso, em 28 julho, no qual apenas se dizia que só se garantia a authenticidade dos sellos vendidos nas estações officiaes.

No aviso de 24 de novembro, porém, era o administrador geral (Ramon de Agata) mais explicito.

Dizia que, desde seis mezes, estavam instaurados varios processos por falsificação de sellos postaes de 20 centimos de escudo, e apontava os seguintes caracteristicos da falsificação descoberta:

1.º—Nos falsos, as palavras ULTRAMAR e CENT. são mais eguaes e symmetricas que nos authenticos.

2.º—O 2 de 20 está mais acima do que o zero nos falsos, achando-se perfeitamente nivelados os dois algarismos nos bons;

3.º—O florão, a parte superior do diadema parece visto de frente nos falsos e de perfil nos bons;

4.º—O nariz é mais grosso e largo nos falsos, bem como o pescoço;

5.º—Nas linhas que formam o fundo do circulo interno dos falsos, nota-se muita irregularidade;

6.º—A picotagem é mais grossa e a côr mais carregada nos falsos do que nos bons.

Ainda d'esta vez, tarde souberam as autoridades da Havana de tal falsificação, pois, tendo o primeiro aviso ao publico sido feito, como ficou dito, em 28 de julho, conhecem-se sellos falsos d'este typo e anno carimbados em 12 de março, 15 e 30 de abril, e 30 de junho de 1869, todos procedentes da Havana.

Todavia, a falsificação não era perfeita. De facto, os falsarios não repararam que os sellos de 1869 tinham soffrido uma pequena modificação nos ornamentos superiores e inferiores, nem que os filetes brancos tinham sido prolongados de cada lado das inscrições, e apenas substituíram o ultimo 8 de 1868 por um 9, *remendo* em verdade bem grosseiramente feito, pois que o 9 dos falsos está rodeado de um traço branco. Os sellos, porém, com o 9 n'estas condições são mui raros, porque essa imperfeição foi reparada dentro em pouco tempo, havendo sellos falsos, carimbados em março, que já estão retocados n'aquelle algarismo.

Temos, pois, dois typos d'esta falsificação:

1.º—20 cent., amarello, amarello claro.

2.º—o,11 amarello, amarello claro, amarello escuro, amarello vivo.

Todos são picotados 14 1/2 em vez de 14.

Os sellos de 1873 (effigie de Amadeu—ULTRAMAR) não escaparam tambem á falsificação, officialmente comprovada por aviso do director geral interino Carlos Sancho, datado de 1 de setembro do mesmo anno.

N'esse aviso se communicava ao publico haver-se descoberto varios sellos falsos franqueando a correspondencia expedida pelo paquete de 30 de julho, os quaes tem os seguintes caracteristicos, que veem indicados no mesmo documento;

1.º—Os falsos tem a côr muito mais fraca;

2.º—A gravura é pouco nitida;

3.º—Nos falsos, os olhos da effigie são muito mal feitos e basta reparar para esse detalhe para se distinguirem; não se lhe distinguem as sobranceiras e, principalmente o esquerdo, é perfeitamente circular e com uma mancha preta, rodeada de um circulo branco;

4.º—O traço do oval que encerra o busto é formado nos bons na metade inferior, por linhas finas, fazendo o sombreado. Nos falsos esse traço é unico, e de igual grossura em todo o oval.

A Havana é, decididamente, o paraíso dos falsificadores de sellos, ladrões dos rendimentos publicos!

E' assim que ainda vamos encontrar officialmente reconhecido por aviso de 3 de novembro de 1886, assignado pelo então administrador geral da fazenda, marquez de Gavisia, a falsificação dos sellos de 10 centimos da emissão corrente (typo 1883, effigie de Affonso XII), e esse aviso é tão minucioso na indicação dos caracteristicos dos sellos falsos, como vae vêr-se:

1.º—As linhas de furos que separam os sellos são formadas entre os authenticos por 18 pontos, no sentido vertical, e por 16 no sentido horizontal, enquanto que as dos falsos tem, respectivamente, 22 e 18;

2.º—Todo o sello falso é um pouco mais pequeno, quer em altura, quer em largura;

3.º—O seu aspecto é pouco nitido, não se distinguindo os detalhes e contornos que, aliás, se observam perfeitamente nos authenticos;

4.º—Tanto as letras de CUBA (na parte superior do sello) como as de *10 c. de p.* (na parte inferior) são mais pequenas e mais finas nas partes grossas nos falsos;

5.º—A' esquerda, e sobre a linha inferior dos caracteres, ha, tanto nos falsos como nos bons, um traço perpendicular cujos extremos tocam as linhas parallellas que fôrman a *barra* que contém os caracteres; á direita, depois de PESO, ha outro traço similhante, mas este ultimo, nos falsos, é igual ao do lado esquerdo, enquanto que nos bons essa não toca nas linhas parallellas que fôrman a *barra*, começando e acabando um pouco antes d'ellas, ficando por isso isolado;

6.º—A tinta dos falsos é mais clara e menos brilhante e transparente;

7.º—Na parte anterior e inferior da effigie ha nos falsos, tres traços, desde o oval até á recurtancia do contorno da garganta, ao passo que, nos bons, ha só dois;

8.º—As *suisas* (barba) são mais abundantes, maiores e de talhe diferente, nos falsos;

9.º—Tambem nos falsos a palpebra superior é maior e o seu traço chega mais junto do nariz.

10.º—O papel é mais fino e de côr mais escura nos falsos.

Ha imitações perfeitissimas dos sellos de ceylão, de 1861, *Four Pence, Eight Pence, Nine Pence e One Shilling*, quer não picotados, quer picados.

Vejam os seus caracteristicos.

1.º—*Four Pence, rosa, filigrana estrela*, pic. 15 1/2:—Esta falsificação parece ter sido obtida por um processo photographico. A segunda cruz de Malta do diadema, isto é, a que fica, quasi de perfil, sobre a frente da effigie, é informe, apresentando o braço direito muito comprido ao passo que quasi se não distingue a parte superior. No rosto, a bocca está mais fechada e o labio inferior é mais delgado. Na legenda o A é cortado por um traço que em vez de ser perfeitamente horizontal, sobe da esquerda para a direita. O papel é cizento-azulado, quasi azul, de textura aspera, que se reconhece pela simples fricção com a unha. A estrella de seis pontas da filigrana tem as pontas em angulo agudo, ao passo que nos sellos authenticos formam angulos obtusos; além d'isso mede verticalmente 12^{mm}, quando a authentica tem 15^{mm} de ponta a ponta, verticalmente, e 14^{mm}, de lado a lado. A impressão é perfeita, apresentando apenas um certo relevo que denuncia a tiragem n'um prelo pequeno e defeituoso, com muita tinta e uma pressão demasiadamente forte. A côr não é perfeitamente homo-

genea e parece ser feita com carmim misturado com amarello, formando uma *nuance* com laivos amarellados que não se encontra nos sellos authenticos.

Ha outra falsificação, em que a estrella da filigrana tem as pontas ainda mais agudas do que a authentica, e o picado é 12, medida que não existe na emissão original.

(Continua.)

J. FRAGA PERY DE LINDE.



As nossas gravuras

A despedida

UM jovem e bello rapaz, trepado a uma meda de lenha, espingarda a tiracollo, e disposições de marcha, aperta a pequenina mão de uma gentil rapariga que de uma janella lha estende. Esta photographura, é copia d'um quadro que nos foi facultado, por um dedicado amigo.

João Moniz da Costa Velho

Na secção Velocipedica nos referimos ao distincto cyclista.

Sebastian Silvan (Chispa)

Na secção Tauromachica nos referimos ao novel toureiro.

Correspondencia

J. P. dos S.—Chança.—Recebemos a sua communicação e dêmos logo andamento conforme o seu pedido.

J. R.—Agueda.—Com muito prazer, cumpridas as suas ordens.

A. P.—Guarda.—Tomamos nota do seu pedido.

C. de G.—Lisboa.—Sim senhor estamos conformes.

W. S.—Lisboa.—Sim senhor, com muito gosto remetemos os jornaes para as indicações que nos deu.

S. C. y V.—Madrid.—Pelo correio enviamos a collecção que nos pede, ficou pago até dezembro feturo.

J. C. de P.—Braga.—Recebemos, ficou pago até dezembro do corrente anno.

A. de S. C.—Loanda.—Remetemos o jornal para ahi, conforme o seu pedido; agradecemos e desejamos venturas.

J. L. G.—Lisboa.—Feita a mudança que pedio.

A. A. M.—Villa Real de Santo Antonio.—Estamos promptos a executar o seu pedido, percamos porém, saber o systema que quer.

AVISO

Vamos fazer a cobrança das nossas assignaturas de provincia, pelo correio. Muito nos obsequiam os nossos estimaveis, assignantes satisfazendo os seus recibos, para nos evitar as despesas de segundas remessas d'estes, coadjuvando-nos na nossa «lucta pela vida», não nos creando embarracos financeiros.

A todos, os nossos agradecimentos.